

# Centro de Estudos Baianos

---

---

SELMA C. LUDWIG

## A ESCOLA DE BELAS ARTES CEM ANOS DEPOIS

---

---

PUBLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA

80

30 de setembro de 1977

## A ESCOLA DE BELAS ARTES CEM ANOS DEPOIS

“Esta Escola se não representa a ideal no ensino das artes, está, de fato, na vanguarda. E o ideal é inatingível porque além do muito que fizemos ou fazemos, sempre existirá um muito mais a ser conseguido”. Mendonça Filho.

O processo que culminou com o surgimento da Academia de Belas Artes da Bahia, este ano centenária, pertence ao século XIX. A Bahia, possuidora de importante legado artístico do período colonial brasileiro, sofrera à diminuição das grandes construções de obras religiosas e militares com a transferência da sede do Vice-Reinado para o Rio de Janeiro em 1763. Até então, quase toda a produção artística fora monopolizada pela arte sacra. Nota-se, porém, no decorrer do século XIX um expressivo desenvolvimento de manifestações artísticas de caráter civil. A vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, com a consequente introdução de novos hábitos sociais, deu origem ao gosto pela ostentação de riquezas nas classes abastadas e fez com que os artistas se voltassem para atender à nova clientela. Inaugurou-se uma etapa em que registramos a atividade dos discípulos de José Joaquim da Rocha, remanescentes da chamada Escola Baiana de Pintura: Teófilo de Jesus, Antonio Joaquim Franco Velasco, e outros que realizaram importantes trabalhos no início do século. A arquitetura civil recebe forte impulso por meio de construções suntuosas, onde trabalhavam arquitetos, escultores, entalhadores, marmoristas, todos artistas formados ainda segundo os moldes do Brasil colonial: aprendia-se o ofício nas oficinas profissionais.

O primeiro curso regular de Desenho na Bahia teve início em 1813<sup>(1)</sup> e era dirigido pelo professor Antonio Joaquim Franco Velasco. Paralelamente instalaram-se outros cursos, também de caráter particular. Só a 9 de março de 1872 vem a ser criado o Liceu de Artes e Ofícios, sob o prestígio do governo da Província. Nele funcionava um curso de Desenho, sendo que, a partir de 1876, instalou-se um curso superior desta disciplina sob a direção do professor espanhol Miguel Navarro y Cañizares.

É precisamente Cañizares, laureado pintor e professor que transferira-se recentemente para o Brasil,<sup>(2)</sup> quem, ao lado de alguns alunos e colegas que o acompanharam após um incidente com a direção do Liceu, termina por fundar em 15 de dezembro de 1877, na sua residência, a Academia de Belas Artes. Originou-se desta maneira a

f. CAD.  
C. 397  
L. 948

segunda instituição de ensino superior da Bahia (a primeira era a Faculdade de Medicina), e a segunda do Brasil no ensino de artes.

A existência da Academia de Belas Artes como estabelecimento particular formado por elementos das classes menos favorecidas possibilitou a obtenção do nível universitário a um grupo numeroso, não participante da elite social da época. O Liceu resultara de uma reivindicação operária destinada a dar educação profissional e literária aos filhos menores dos artistas.

Alunos das mais diversas classes sociais frequentavam os cursos de Pintura, Desenho, Arquitetura, Escultura e Música da Academia, instalados precariamente em dependências do Solar Jonathas Abbott, à rua 28 de Setembro, que lhe haviam sido cedidos provisoriamente pelo Governador da Província, o Barão de Lucena.<sup>(3)</sup> Mas logo nos primeiros anos de existência da Academia foram realizadas reformas no solar, sob a direção do professor J. Allioni. Utilizaram-se os serviços profissionais de alguns alunos, a exemplo de Manuel Quirino posteriormente historiador da arte baiana, que foi contratado nessa ocasião para os serviços de pintura.<sup>(4)</sup>

No decorrer do século XX a própria sobrevivência da Escola representou uma vitória. Inclusive porque foram frequentes os períodos em que funcionou sem qualquer ajuda do poder público, levando alunos e professores a se unirem, em várias ocasiões, em campanhas para a obtenção de auxílios financeiros. Embora contasse com a dotação de 15 contos de réis anuais do governo do Estado, estabelecida na gestão de Dr. Manuel Rodrigues Lima e aumentada para as necessidades mais urgentes da Escola. Por isso mesmo certos cursos não puderam funcionar em alguns períodos.

As dificuldades materiais para a manutenção de uma Escola de Arte somavam-se deficiências culturais, que eram comuns a outros Estados brasileiros, contudo, elas dificultavam a formação de um público esclarecido e impossibilitavam a divulgação das artes plásticas.

Os anos passavam. Até a década de 40 a Bahia não possuiu um só museu organizado, nem galerias de arte. As exposições limitavam-se a mostras anuais da Escola de Belas Artes e a exposições esporádicas em locais improvisados. Acrescente-se o fato de não existir crítica de arte, nem publicações especializadas.

As limitações não eram somente nossas, pois a mudança da consciência plástica verificada na Europa em fins do século passado só chegou à América Latina a partir de 1920, quando também verificou-se em nosso continente uma nova conscientização dos problemas políticos, econômicos, sociais e estéticos. Data de então o surgimento do Muralismo no México, do Grupo Chileno de Montparnasse, do Indianismo Peruano e do Modernismo no Brasil.<sup>(5)</sup>

As Academias do Rio e da Bahia tiveram como modelo a tradicional Academia européia, dominadas estilisticamente pelo Classi-

cismo, ao lado de algumas manifestações românticas e realistas. Raramente notava-se interesse por temas locais, e era comum o emprego de técnicas conservadoras. A herança do engenheiro Francisco Caminhoá permitiu a instituição de um prêmio de viagem à Europa aos melhores alunos da Escola de Belas Artes, escolhidos em concursos realizados no término do curso.<sup>(6)</sup> A ida dos jovens artistas baianos ao Exterior não significou a origem de mudanças no desenvolvimento das artes plásticas baianas: em Paris ou Roma frequentavam instituições acadêmicas. Consequentemente, atingia-se a metade do século XX e a arte baiana tinha as suas figuras mais expressivas vinculadas ao academismo ou ao pós-impressionismo.<sup>(7)</sup> Excetua-se neste quadro a rebeldia de José Guimarães, ex-aluno da Escola de Belas Artes, onde foi discípulo de Presciliano Silva e Robespierre de Farias, Prêmio Caminhoá de 1927. Guimarães viajou para a França, frequentou em Paris a Academia Julien e expôs no Salão Oficial dos Artistas franceses, o mais importante da França. De volta à Bahia, em 1932, uma exposição de seus quadros foi organizada no andar térreo do edifício "A TARDE"; não obstante, como as obras apresentadas refletissem o seu afastamento dos padrões clássicos, evidenciando tendências abstracionistas e expressionistas, foi ele duramente criticado, o que motivou sua transferência para o Rio de Janeiro, onde também não teve reconhecido o seu talento.<sup>(8)</sup>

No setor literário, desde o final da década de 20, tres grupos lutavam contra o conservadorismo local: **Távola, Arco e Flexa** e a **Academia dos Rebeldes**. Influenciados pelos movimentos modernistas de São Paulo, alguns até em oposição, tinham em comum o desejo de renovação.<sup>(9)</sup>

Data de 1937, com o surgimento dos Salões de Ala, e da publicação do **Jornal de Ala**, organizados pelo médico, poeta e acadêmico Carlos Chiacchio, a realização da primeira manifestação renovadora que reunia artistas plásticos e trabalhos literários locais.

Nessa ocasião, ao lado do fato cultural, aliam-se outros, que provocam alterações no panorama da cidade. Salvador começara a sofrer, gradativamente, a influência dos novos meios de comunicação: o rádio, o cinema, difundiam outras maneiras de vida e novas formas de expressão artística. Organiza-se em 1944 a primeira exposição de arte moderna no salão do Pálace Hotel, com quadros de consagrados artistas brasileiros, como Clóvis Graciano, Scliar, Lívio Abramo. A mostra deu lugar a uma crítica negativa na imprensa, quando atuou com destaque o jornal "O Imparcial".<sup>(10)</sup> Por seu lado, o ensino continuava preso ao tradicionalismo, as pessoas desejosas de formação atualizada iam para o exterior, como o fizeram Carlos Bastos, Genaro de Carvalho e Mário Cravo.

Em resumo até meados do século, o movimento renovador da cultura baiana distinguira-se pelo caráter particular, afastado das iniciativas oficiais. Apesar de alguns episódios isolados revelarem o interesse do poder público em prestigiar as tendências artísticas mais recentes. O Centro Educacional Carneiro Ribeiro, a mais completa demonstração de educação integral em nível primário da América Latina, idealizado por

Anísio Teixeira, Secretário de Educação do Governo Otávio Mangabeira, e inaugurado parcialmente em 1950, tivera os Murais decorativos do Setor de Trabalho realizados por artistas cuja formação era desvinculada do ensino acadêmico tradicional.<sup>(12)</sup> Uma série de crônicas do crítico de arte, museólogo e professor José Valladares, publicadas no Suplemento Dominical do *Diário de Notícias*, divulgava os novos, criticando construtivamente e identificando, nas tendências manifestadas, os reflexos da vanguarda internacional. Exerceram também crítica de arte, com igual seriedade, Wilson Rocha e Heron de Alencar (coluna "Caleidoscópio" do jornal "A TARDE"). A instalação da primeira Galeria de Arte Moderna da cidade, possivelmente uma das primeiras do Brasil, surgiu da iniciativa particular: em 1950, Carlos Eduardo da Rocha e alguns amigos fundaram a Galeria Oxumaré, no Passeio Público.<sup>(13)</sup> Ali realizaram exposições individuais: Genaro de Carvalho, Hansen Bahia, Rubem Valentim, Carybé, Djanira, Carlos Bastos, Raymundo Oliveira, Milton Dacosta e outros. Anexo à galeria, havia um atelier onde trabalhavam Hansen Bahia, Rubem Valentim e muitos artistas ligados aos movimentos de vanguarda.

O crítico Mário Barata localiza em 1950 o eixo dos novos artistas da Bahia no atelier do escultor Mário Cravo, no Bar-galeria Anjo Azul, na revista *Cadernos da Bahia*, e no apoio de Odorico Tavares, Anísio Teixeira e José Valladares. Aponta como a maior realização do grupo a revista *Cadernos da Bahia*, dirigida por Vasconcelos Maia, Cláudio Tavares, Darwin Brandão e Wilson Rocha. Colaboravam na revista o crítico de cinema Walter da Silveira; no setor literário, Heron de Alencar, Adalmir da Cunha Miranda, Clóvis Moura; e no setor de artes plásticas, Mário Cravo, Maria Célia Calmon, Rubem Valentim, Carlos Bastos.

Os Salões Baianos de Belas Artes documentam, a partir de 1949, ano do quarto centenário da cidade, o incentivo oficial às iniciativas culturais que começavam a tirar a Bahia do seu recato provincial.<sup>(14)</sup> O primeiro Salão, comemorativo do centenário, reuniu 204 obras de escultura, arquitetura, pintura, desenho e gravura, ao todo estavam representados 146 autores, sendo 55 da Bahia. Estas obras ilustravam todas as tendências de arte brasileira, do academicismo ao abstracionismo e era a maior exposição vista na Bahia desde 1872, data da Exposição Provincial, quando foram expostos os quadros da Coleção Abbott. Por último, em 1950, a convite da Secretaria de Educação, o gravador Poty, professor da Escola Nacional de Belas Artes<sup>(15)</sup>, deu um curso de Gravura a artistas baianos, surgindo daí um movimento que até hoje representa o que se fez de mais expressivo na arte contemporânea entre nós.

## A contribuição da Escola

Cumprindo o programa da criação de universidades nos Estados, fundou-se em 1946, durante o governo do presidente Eurico Dutra, a Universidade Federal da Bahia, à qual foi incorporada a Escola de Belas Artes.<sup>(16)</sup> Iniciava-se uma nova fase em nossa vida cultural, marcada de realizações. Essa fase corresponde a um período de prestígio em que políticos baianos ocupavam cargos de destaque no Governo Federal. Isto representou um fator fundamental, necessário ao programa de instalação da Universidade da Bahia, que encontrava no Reitor Edgard Santos o maior interessado em transformá-la num dos centros dinâmicos da cultura brasileira.

A Escola de Belas Artes, nessa ocasião dirigida pelo Professor Manoel Ignácio de Mendonça Filho,<sup>(17)</sup> obteve da Reitoria recursos necessários para a reforma do Solar Abbott. Foram feitas adaptações para as novas necessidades do ensino artístico, equiparam-se todos os serviços, regularizou-se o quadro administrativo. E foi organizada uma biblioteca especializada em arte. O curso de Arquitetura, que funcionava anexo à Escola desde 1893, foi reconhecido pelo Governo Federal em 1949.

Vivia-se uma fase de ampliação e criação de unidades universitárias. O setor artístico foi enriquecido com a fundação dos Seminários de Música das Escolas de Dança e Teatro, a movimentação surgida nesta área deu a Universidade Federal da Bahia, naquele momento, o papel de catalizador da cultura artística nacional.

A década de 50 viu nascerem as greves estudantis, as rebeliões contra o ensino tradicional. Os artistas se questionaram sobre a sua função, querendo renovar a arte e, em muitos casos, a sociedade. O comprometimento político dos artistas brasileiros nunca chegou porém ao nível do engajamento dos artistas mexicanos. Vivendo nesse contexto, a Escola de Belas Artes não podia fugir às exigências do ambiente. Prometeu a ampliação do seu quadro docente, visando principalmente a introduzir novas técnicas no ensino das artes. A Escola unia-se assim, aos demais agentes dinamizadores da cultura baiana. Destaca-se nesse momento, a atuação do diretor Manoel Ignácio de Mendonça Filho, pelo caráter inovador na escolha de novos professores, e pela manutenção do ambiente harmônico, quando se processavam mudanças radicais no ensino. Este fato, por si, representa um mérito para os mais antigos, reafirmando o prestígio do diretor.<sup>(18)</sup>

Na qualidade de aluno da Escola naquele período, depõe a respeito o professor Juarez Paraíso: "Mendonça Filho foi antes de tudo um homem de caráter. Firme nos seus propósitos de artista, nem por isso descurou os seus compromissos como diretor de uma das mais importantes unidades do ensino superior. Na verdade, a Escola de Belas Artes da Bahia teve a sua história e importância asseguradas graças ao empenho e talento do mestre Mendonça Filho. Líder nato, era o suporte moral e cultural dos seus amigos e colegas. Como diretor, teve a capacidade de compreender os novos rumos pelos quais a Escola iria se orientar. Justamente num momento de intensa crise, com a separação do Curso de Arquitetura, Mendonça Filho soube apoiar e incrementar o movimento de reestruturação da Escola de Belas Artes, partido dos seus professores mais interessados. O falecimento do mestre Mendonça Filho determinou uma espécie de vácuo, difícil de preencher. O seu prestígio pessoal junto ao Magnífico Reitor Edgard Santos garantiu, para a Escola, o seu momento áureo, não só do ponto de vista econômico-financeiro, mas também, e principalmente, do ponto de vista cultural".

Tentaremos a seguir um esboço descritivo da atuação de professores que se integraram a Escola naquela época. A ação renovadora que manifestaram veio a destacá-los em suas áreas. O setor de Desenho beneficiou-se de início com a chegada da professora Maria Célia Calmon, que introduziu a criação livre e os exercícios compositivos com materiais e técnicas modernas. A partir de 1955 a professora Jacyra Oswald apontava uma série de deficiências nas técnicas tradicionais de Desenho e procurava desenvolver a habilidade manual, a memória, a capacidade de organização do espaço e a imaginação criadora.

No Curso de Arquitetura vieram a ser contratados no Rio de Janeiro, os professores Fernando Machado Leal, para a cadeira de Arquitetura no Brasil, e José Bina Fonyat Filho, para a de Teoria e Filosofia da Arquitetura. Para a cadeira de Teoria de Conservação e Restauração da Pintura, foi contratado o professor João José Rescala, de prestígio nacional, que fora um dos fundadores do Núcleo Bernadelli, integrado por estudantes e jovens artistas renovadores do Rio de Janeiro. O professor Rescala, ao lado das atividades curriculares, reunia grupos, que saíam a pintar pelas ruas e vales da cidade, dos quais participaram figuras de projeção em nosso meio artístico como Lígia Milton, Odete Valente e Zélia Oliveira. Para a cadeira de Pintura foi convidado professor Emídio Magalhães, ex-aluno laureado, com vários prêmios nacionais; para a de Estética, o professor e filósofo italiano Romano Galeffi; e o professor Cid Teixeira, para lecionar Estudos Brasileiros.

O professor alemão Adam Firnekaes ofereceu importante colaboração à renovação de técnicas de pintura. Ensinou esta cadeira de 1958 a 1961, quando também participou dos Seminários de Música. O tempo oferece perspectiva para constatar que foi com a abertura do Curso de Gravura em 1953, que originou-se a contribuição mais importante do período, pois desse curso, da convivência diária dos artistas, alunos e professores, do entusiasmo pela nova técnica, que resultou a formação de um grupo conhecido como "A Escola Baiana de Gravura". Deve-se ao escultor e professor Mário Cravo a vinda para a Escola de

Belas Artes de uma velha prensa de gravura, comprada pelo Museu do Estado à Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, quando aqui se organizou, em 1951, um Curso de Gravura ministrado por Poty Lazzarotto. Mário Cravo foi um continuador de Poty no ensino e na prática de Gravura da Bahia. O ensino desta técnica beneficiou-se ainda das presenças do gravador alemão Karl Hansen e do pintor e gravador carioca Henrique Oswald, (19) ambos com influência decisiva sobre toda uma geração de artistas baianos. O professor de Desenho e pintor Riolan Coutinho assim se expressa sobre a vitalidade do movimento "a origem do desenvolvimento da Gravura entre nós está ligada estreitamente a razões históricas; as técnicas tradicionais de desenho, pintura, e escultura estavam, a nosso ver, como que comprometidas com o espírito acadêmico da arte que elas expressavam, isto é, o espírito daqueles que delas se serviam. Uma nova linguagem, uma técnica ainda inexplorada, configurar-se-ia assim como o veículo ideal de libertação do novo espírito nascente e da mensagem revolucionária que as gerações futuras tinham a transmitir".(20)

Entre os gravadores estão algumas das figuras mais expressivas das artes da Bahia, ligados de alguma forma à Escola de Belas Artes, a exemplo de Sonia Castro, Calasans Neto, Juarez Paraíso, Gilberto Oliveira, Emanuel Araujo, José Maria, Edson Luz, Edizio Coelho. Já de períodos recentes são Renato da Silveira, Hilda Oliveira, Terezinha Dumet e Sonia Rangel.

Num estudo sobre a história do Desenho na Bahia, a professora Zélia Maria Póvoas Oliveira, assegura que, a partir desta renovação do ensino, se atingiu, pela alta qualidade dos exemplos surgidos, um nível nunca anteriormente evidenciado na Bahia, quando o Desenho passa a ser valorizado como expressão plástica autônoma. O citado estudo exemplifica com o grafismo lírico de Edsoleda Santos, o expressionismo linear de Nacif Ganem, o tracejado meticuloso e poético de Floriano Teixeira, o traço livre e espontâneo de Riolan Coutinho, a plasticidade das aguadas de Leonardo Alencar e a complexidade do abstracionismo de Juarez Paraíso.

O movimento renovador da Escola de Belas Artes completou-se com o convite a antigos alunos, formados no espírito rejuvenescido desta fase para integrarem-se ao corpo docente da Escola. Destaca-se neste grupo o gravador (o primeiro a diplomar-se em gravura pela Universidade da Bahia), desenhista e pintor, Juarez Paraíso e os professores Riolan Coutinho, Zélia Oliveira, e Evandro Schneiter. Para o setor de Escultura foi convidada a professora Mercedes Kruchewsky. Vale registrar ainda que, no período de renovação, uma das mais profícuas realizações foi a criação dos Cursos Livres de Pintura, Gravura e Cerâmica, que permitiram e permitem o exercício de atividades artísticas em caráter extra curricular, e a realização de Cursos de Extensão Universitária. Relatamos acima alguns momentos do movimento cultural baiano nos últimos cem anos, que uniram particularmente os artistas à História da Bahia. É um breve registro, que permite constatar a contribuição positiva da Escola de Belas Artes. Identificamos na direção do professor

Mendonça Filho, nos professores e artistas acima citados, pelo sentido construtivo que souberam dar a suas capacidades criadoras, os principais estimuladores de um movimento cultural estreitamente ligado à Universidade.

No decurso dos últimos vinte anos a Escola tem passado por várias modificações. Causadas primeiro pela separação do Curso de Arquitetura, depois pelas sucessivas mudanças de sede; do Antigo Solar Abbott para dependências do Museu de Arte Sacra, por fim para a sede atual, na Avenida Araújo Pinho, no prédio onde anteriormente funcionava a Escola de Geologia, ao qual foi anexado um vizinho em que se fundou a Galeria Cañizares. Também a Reforma Universitária afetou a vida da Escola. Alguns setores foram atingidos pelas mudanças, e não encontram, nos galpões utilizados atualmente, a necessária adequação para o funcionamento dos diversos cursos.

Acreditamos que a implantação do Setor Artístico no futuro Campus Universitário de Ondina venha a proporcionar a concretização de muitos planos ambicionados pelos professores e alunos sempre voltados para o desenvolvimento das atividades criadoras, fazendo surgir as tão desejadas oficinas de trabalho. A continuidade do processo renovador, a nosso ver, é fundamental. Mormente se se considerar as novas formas de arte que a ciência e a tecnologia fizeram surgir em nossos dias. A Fotografia, o Cinema, a Televisão, a Publicidade, etc, modificaram as funções do artista, e, também, enriqueceram as suas possibilidades de criação.

Tornaram necessária uma nova definição objetiva da função das teorias de educação artística, e da própria Escola de Arte, que permaneça presa a esquemas ultrapassados. Numa sociedade que dá prioridade a formação de técnicos, julgados por muitos indispensáveis ao desenvolvimento e que, obtem atenções e assistência prioritárias, dar à Arte a sua devida importância não é, como pensam alguns, justificar uma atividade supérflua, restrita à apreciação de uma minoria, (o que se verdadeiro, evidenciaria, por si, uma deficiência do sistema educacional) mas, "afirmar o lugar de uma maneira de pensar que é hoje, como ontem, sob contrastes de forma, geradora de uma atividade específica do espírito".(21)

Por fim, lembramos que o progresso é o resultado de um processo contínuo de ampliação e enriquecimento; e seu mérito reside na integração de **todas as habilidades.**

Profa. Selma Costa Ludwig.

## NOTAS

- 1- OLIVEIRA, Zélia, Maria Póvoas. Desenho-Ensino-Comunidade. Tese para concurso de professor-Assistente do Departamento II da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1970, pg. 12.
- 2- MATTOS, Waldemar, Paço do Saldanha, Editora Beneditina Ltda., Série Solares Baianos, Salvador, 1971. O Autor assinala a importância do Lyceu para a classe operária e os artífices. Constavam do acervo do Lyceu de Artes e Ofícios, uma Biblioteca com mais de 3.000 livros, um Museu Industrial, e a Pinacoteca, formada com parte do acervo da Galeria Abbott.
- 3- Miguel Navarro y Cañizares, natural de Valencia, Espanha, transferiu-se para o Brasil em 1876, depois de já ter obtido algum renome como pintor e professor. Um trabalho premiado, a tela "Enterro de Santa Catarina", hoje parte do acervo de um museu paulista, assegurou-lhe um prêmio de viagem a Roma. Viajava para o Rio de Janeiro em 1876, quando uma epidemia que grassava naquela cidade o fez fixar-se em Salvador. Ofereceu-se para ensinar no Lyceu de Artes e Ofícios, aí permaneceu até dezembro de 1877, quando, devido a uma divergência com a direção, dele se afastou no que foi acompanhado por alguns colegas e discípulos, com os quais fundou a Academia de Belas Artes. Foram professores fundadores da Escola: João Francisco Lopes Rodrigues, Manuel Silvestre Lopes Rodrigues, Virgílio Damásio, José Allioni, Austríliano Ferreira Coelho e Lélis Piedade. Em 1881 Cañizares desentendeu-se com a Congregação da Academia de Belas Artes e transferiu-se para o Rio. Figura entre as obras realizadas neste período um retrato da Princesa Isabel. Cañizares faleceu no Rio de Janeiro em 1913.
- 4- TORRES, Otávio - Arquivo da Universidade da Bahia. Escola de Belas Artes, Salvador, 1953. Entre os alunos fundadores destaca-se a figura de Manuel Raymundo Quirino, nascido em Santo Amaro da Purificação em 28 de julho de 1851 e falecido a 14 de fevereiro de 1923 em Salvador. Órfão desde criança, foi criado pelo professor da Escola Normal Dr. Manuel Correia Garcia, que procurou desenvolver em Manuel Quirino o gosto pelos estudos. Já rapaz, viajou pelo nordeste do país, por ocasião da Guerra do Paraguai foi recrutado, seguiu para o Rio de Janeiro e, graças às suas habilitações, foi encarregado de escrita do quartel. Não chegou a ir para o Paraguai, teve baixa em 1870 como cabo de esquadra. De volta à Bahia, a partir de 1871, exerceu a função de pintor decorador, e iniciou estudos de francês e português. Foi um dos fundadores do Lyceu de Artes e Ofícios, e mais tarde da Academia de Belas Artes, onde diplomou-se em Desenho. A seguir, na mesma Academia, matriculou-se no Curso de Arquitetura

tabilizou-se como pintor de Marinhas, e influenciou vários artistas baianos. Alguns trabalhos seus estão nos Museus do Estado e Costa Pinto. Está ligado à História da Arte baiana como um dos iniciadores do movimento de renovação, que teve o momento mais importante na década de sessenta. Suas raízes, porém, estavam no idealismo de movimentos nascidos algumas décadas atrás. Ao lado de Carlos Chiacchio, Mendonça Filho foi um dos fundadores da *Ala de Letras e Artes*, em 1937. A partir de 1944, afastou-se gradativamente do Ensino para dedicar-se a administração da Escola de Belas Artes. Vice-diretor em 1944, Diretor de 1946 a 1961, teve com a sua atividade de homem culto, de personalidade vibrante, admirado e respeitado por seus colegas e alunos, um desempenho, considerado por todos fundamental para uma série de modificações, que culminou com a integração da Escola à Universidade Federal, e transformaram-na em um grande atelier, para onde convergia a maior parte dos artistas baianos. Faleceu em 6 de novembro de 1964.

18- A Escola teve como diretores desde a sua fundação: Miguel Navarro y Cañizares, João Francisco Lopes Rodrigues (pintores), Braz Hermenegildo do Amaral e Eduardo Dotto (médicos). José Nivaldo Allioni Filho (músico), Leopoldo Bastos do Amaral, Américo Furtado Simas (engenheiros), Manoel Inácio de Mendonça Furtado (pintor), João José Rescala, Emídio Magalhães (pintores), Evandro Schneider (arquiteto), Mercedes Kruchewsky (escultora), Ivo Vellame (licenciado em História).

19- *Mário Cravo Jr.* - Nascido em Salvador no ano de 1923. Artista autodidata, trabalhou a partir de 1945 com o santeiro Pedro Ferreira em Salvador e em 1946 com o escultor Humberto Cozzo, no Rio de Janeiro. Viajou para os Estados Unidos em 1947 onde na Universidade de Syracuse estudou com o escultor Ivan Mestrovic.

Professor da Escola de Belas Artes de 1960 a 1963, quando lecionou Gravura e Escultura. Foi um dos artistas iniciadores do movimento modernista na Bahia. Defende a vinculação da arte brasileira à nossa própria cultura, às nossas influências étnicas e às obras dos nossos artistas como O Aleijadinho e Chagas, O Cabra. Como professor criticou a didática tradicional no ensino das artes, que a seu ver condicionava os estudantes a um comportamento automático, evidenciou a necessidade de uma diferenciação da sistemática e do comportamento no ensino artístico das Ciências e Humanidades.

Diretor do Museu de Arte Moderna e Arte Popular da Bahia em 1965.

*Adam Firnekaes* - Alemão, nascido em 1909. Contratado em 1958 como professor dos Seminários de Música da Universidade Federal da Bahia. Ensinou na Escola de Belas Artes de 1959 a 1961 técnicas da Pintura. Criou o Curso de Pintura Experimental para leigos no Instituto Brasil-Alemanha. A sua obra revela influência do Expressionismo alemão (in Paraiso, Juarez, Catálogo da Exposição Retrospectiva da Gravura na Bahia. Prefeitura da Cidade do Salvador, 1977).

*Henrique Oswald*, nascido no Rio de Janeiro em 1918, filho de Carlos Oswald, um dos divulgadores da arte da Gravura no Rio. Pintor e gravador, ao lado de Karl Hansen e Mário Cravo, foi um dos iniciadores da moderna gravura da Bahia para onde havia se transferido em início da década de 50. A sua gravura (xilo) caracterizava-se pela tendência expressionista, também observados nos desenhos e pinturas, nesta última são bem caracterizadas as fases: realista, e não representativa, quando utilizou recursos de textura, colagem e grafismo, e a final, abstrata, interrompida pela sua morte em Dezembro de 1965 (in Henrique Oswald na Bahia, Oswald, Jacyra, Salvador - 1966).

*Karl Heinz Hansen*, (Hansen Bahia) - nasceu em Hamburgo - 1915, iniciou-se

na gravura como autodidata, veio para o Brasil em 1950. Aqui passou a residir definitivamente a partir de 1965, quando fixou-se em Salvador. Entre 1958 e 1963 realizou várias exposições na Alemanha, e lecionou na Escola de Belas Artes de Adisabebe, Etiópia, quando iniciou o gosto pela xilogravura no país. Na Bahia foi convidado para a cátedra de gráfica e gravura na Escola de Belas Artes em 1963 e 1967, respectivamente. A sua obra em grande parte está reunida em álbuns, cerca de 30, publicadas no Brasil e na Alemanha. Atualmente mora em Cachoeira, Bahia, doando suas matrizes a esta tradicional cidade, onde criou-se a Fundação Hansen Bahia. A obra de Hansen Bahia, como a de Goeldi e Segall, denota grande influência do Expressionismo alemão. A Bahia é tema constante, casarios, fachadas de igrejas, dramas sociais. Influenciou fortemente a obra dos jovens gravadores baianos como Calasans Neto, José Maria, Hélio Oliveira e Quaglia. (in Paraiso, Juarez, A Gravura na Bahia, e Teixeira Leite, a Gravura Brasileira Contemporânea. Ed. Expressão e Cultura, São Paulo, 1966).

20- COUTINHO, Riolan, A Gravura na Bahia, *Catálogo da 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas*. Salvador, S.E.C., 1966.

21- FRANCASTEL, Pierre, *Art et Technique*. Paris Editions De Noel, 1965.

CAD.

F. 52/15/98

C 397

L 948

Centro de Estudos Bauaino 80

CAD

Las Ar f. 52/15/98

C 397

L 948

Centro de Estudos Bauaino-80

A Escola de Belas Artes  
Cem anos depois / Selma  
Ludwig